Sobram 27 assinaturas

Congresso Sobram candidatos à 27ª assinatura, mas a oposição não consegue um senador para ser o 26º

Oposição tenta venda casada na CPI

Marcelo de Moraes
De Brasília

Os partidos de oposição não conseguiram ontem convencer o senador Amir Lando (PMDB-RO) a assinar o requerimento de abertura da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Corrupção. O máximo que o líder do bloco de oposição, senador José Eduardo Dutra (PT-SE), obteve foi a promessa feita por Lando de que dará a assinatura necessária para a instalação da CPI caso outro senador também o faça.

A atitude de Lando tem uma razão clara. Se assinasse ontem, o requerimento de abertura da comissão passaria a ter o apoio de 26 senadores, faltando apenas um para que a CPI tivesse número regimental no Senado. Poderia, assim, contribuir decisivamente para que a CPI acabasse sendo deflagrada, já que outro senador poderia seguir seu exemplo.

Os líderes governistas, que trabalharam na semana passada para sepultar a CPI, não querem que Lando assine o requerimento. Ontem, o líder do PMDB no Senado, Renan Calheiros (AL), telefonou para Lando assim que soube da possibilidade de o senador de Rondônia aderir ao pedido da oposição. Ficou tranquilo ao escutar do companheiro de partido que sua disposição era apenas a de apoiar a CPI caso faltasse apenas uma assinatura.

Se Lando assinasse ontem a CPI, o PMDB ficaria numa posição extremamente delicada em relação ao governo federal. O partido dá apoio oficial ao presidente Fernando Henrique Cardoso. Mas dos 25 senadores que avalizaram a CPI até agora, seis são do PMDB, incluindo o presi-

dente do Senado, Jader Barbalho (PA). Fernando Henrique entendeu as explicações de Jader, afirmando que se não assinasse o requerimento corria o risco de desmoralizar-se politicamente, já que entre os pedidos de investigação feitos na proposta da CPI está o seu suposto envolvimento em irregularidades no Banco do Estado do Pará (Banpará).

Para provar sua disposição de apoiar o governo, Jader comandou na semana passada uma operação dentro do PMDB para sacramentar uma posição oficial contra a instalação da CPI. O movimento freou o impulso de senadores do PMDB que pareciam dispostos à aderir ao pedido da oposição e praticamente sepultou a CPI. Lando não participou da reunião do PMDB que decidiu essa posição, já que estava em viagem pela Argentina. Se na sua volta assinasse a CPI, enfraqueceria a posição do comando do PMDB junto a FHC. "Não haverá CPI. Essa decisão política já foi tomada pelos partidos aliados", afirmou Renan Calheiros.

Para a oposição, o gesto de Amir Lando foi interpretado como um passo a mais na direção da abertura da CPI. Mas os opositoristas reconhecem que o terreno político para o funcionamento da comissão está cada vez mais restrito. Até porque o governo fez um forte movimento político para breçar as denúncias contra si, criando a Corregedoria do Governo, com status de Ministério para investigar esses casos.

Ontem, o senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) fez discurso no Senado dizendo que vai ser o primeiro a procurar a corregedora Anadyr de Mendonça Rodrigues para apresentar suas denúncias.